



**NA LAMA, NA SERRA – AS TRILHAS SOCIOPOÉTICAS
NA CRIAÇÃO DE CONFETOS SINGULARIZADORES
SOBRE A AUTOGESTÃO LIBERTÁRIA**

Sandro Soares de Souza¹

Resumo

Este artigo expõe os caminhos traçados pelo grupo-pesquisador sociopoético ao longo dos dispositivos criativos propostos a partir de uma pesquisa, situada nos campos da Educação Popular e dos Movimentos Sociais, cujo objetivo era explicitar como o grupo-pesquisador sociopoético elaborou conceitos sobre a autogestão libertária; e, assim, ao expor os percursos da investigação, este artigo explicita a contribuição *sui generis* da Sociopoética para o campo da pesquisa educacional. A Sociopoética é o método investigativo que institui o grupo-pesquisador, enquanto corpo coletivo da pesquisa; e potencializa esse grupo-pesquisador como filósofo coletivo; ela traz o diferencial de que o grupo-pesquisador sociopoético, enquanto filósofo coletivo, produz novos saberes sob a forma de conceitos filosóficos produzidos a partir das vivências experimentadas pelos copesquisadores. Na Sociopoética, chamamos esses conceitos de confetos (GAUTHIER, 2005). De maneira que a Sociopoética torna-se uma abordagem metodológica singular frente a outras práticas grupais de investigação, como a Pesquisa-ação (PETIT; ADAD, 2009). A pesquisa de que trata este artigo (SOUZA, 2011), propôs duas vivências imersas na natureza: no mangue do rio Cocó (Fortaleza/CE) e na serra da Pacatuba (Pacatuba/CE). Os dados produzidos pelo grupo-pesquisador nas vivências, onde foram usadas técnicas que mexeram com o corpo e com a experiência sensorial de estar na natureza, potencializaram a criação coletiva de confetos desterritorializados, devires maquínicos (DELEUZE; GUATTARI, 1992). A pesquisa sociopoética fez emergir, então, conceitos singularizadores sobre a autogestão libertária.

Recebido em: outubro/ 2011 - Aceito em: novembro/2011

1 Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: sandrosoaresd@hotmail.com

Palavras-chave: Pesquisa Sociopoética. Autogestão Libertária.
Confetos.

**IN THE MUD, ON THE HILLS – THE SOCIOPOETIC TRAILS
IN THE CREATION OF UNIQUE “CONFETOS”
ABOUT THE LIBERTARIAN SELF MANAGEMENT**

Abstract

This article exposes the walked paths by the sociopoetic research-group along the creative devices, proposed by a research, situated in the fields of Popular Education and Social Movements whose objective was to explicit the way the sociopoetic group elaborated concepts about libertarian self management. This way, while exposing the investigation paths, this article explicits the *sui generis* contribution of Sociopoetic to the educational research field. Sociopoetic is an investigative method formed by the research-group as a collective corpus of the research and stimulates this group as a collective philosopher. It plays a role to the sociopoetic research group as a collective philosopher for it produces new knowledge under the form of philosophical concepts produced by the living experiences of the cooperative researchers. The concept of “confetos” (GAUTHIER, 2005) belongs to Sociopoetic. Considering this, Sociopoetic becomes a unique methodological approach compared to other investigative group practices as the action research (PETIT; ADAD, 2009). The research described in this article (SOUZA, 2011) proposed two living experiences emerged in nature: in the “mangue” of the Cocó river (Fortaleza/CE) and on the hill of Pacatuba (Pacatuba/CE). The data produced by the research group in the living experiences by the application of techniques that moved the body and the sensorial experience of being in nature, stimulated the collective creation of “*confetos* desterritorializados”, “*devires* maquínicos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992). This way, the sociopoetic research provoked the appearance of unique concepts about libertarian self management.

Keywords: Sociopoetic research. Libertarian self management.
“Confetos”.



Introdução

A Sociopoética é um método de pesquisa e de investigação filosófica em que ecoam a obra de Paulo Freire, os princípios da Análise Institucional, a Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari, as reflexões de Michel Serres, as contribuições teóricas de René Barbier para o campo da Pesquisa-ação (“Escuta Sensível”, “Diário de Itinerância”). A Sociopoética é uma abordagem de pesquisa que traz para o âmbito da investigação acadêmica práticas criativas e inovadoras quanto à construção de novos saberes; os dispositivos que emergem na pesquisa sociopoética permitem a produção de “objetos intelectuais mestiços ou pluri-acentuados, sem identidade fixa, que se tornam temas de elaboração coletiva [...]”. (GAUTHIER, 2005, p. 1). Ela preconiza, na voz do seu fundador, o filósofo Jacques Gauthier, estes princípios:

[...] - a importância do corpo como fonte do conhecimento; - a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem; - o papel dos sujeitos pesquisados como corresponsáveis pelos conhecimentos produzidos, “copesquisadores”; - o papel da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar; - a importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo de construção dos saberes (GAUTHIER, 1999, p. 11).

Este artigo expõe os caminhos traçados pelo grupo-pesquisador sociopoético ao longo dos dispositivos criativos propostos a partir da pesquisa “Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão” (SOUZA, 2011); e, assim, ao expor os percursos da investigação, explicita a contribuição *sui generis* da Sociopoética para o campo da pesquisa educacional.

A pesquisa, situada nos campos da Educação Popular e dos Movimentos Sociais, debruçou-se sobre as práticas desterritorializadas de grupos anarquistas contemporâneos – dedicando-se a saber como uma “política do desejo molecular” (GUATTARI, 1981, p. 13), transitou e fez emergir miríades de agenciamentos maquínicos libertários





contra as modelizações da subjetividade capitalística. Como pessoas e grupos libertários, saturados de relações sociais heterogestoras, construíram espaços e situações de convívio coletivo para que suas vidas fossem efetivamente autogeridas. Interessa, especificamente aqui, explicitar como o grupo-pesquisador sociopoético elaborou conceitos sobre a autogestão, fundamento das práticas anarquistas.

2 Da escolha do Método Sociopoético

Por que da escolha da Sociopoética como abordagem metodológica da pesquisa? Porque ela institui o grupo-pesquisador, enquanto corpo coletivo da pesquisa; porque potencializa esse grupo-pesquisador como filósofo coletivo; porque traz o diferencial de que o grupo-pesquisador sociopoético, enquanto filósofo coletivo, produz novos saberes sob a forma de conceitos. De maneira que a Sociopoética torna-se uma abordagem metodológica singular frente a outras práticas grupais de investigação, “notadamente com relação à Pesquisa Participante e à Pesquisa-ação” (PETIT; ADAD, 2009, p. 1). Ao tomar os copesquisadores de suas pesquisas como filósofos, mediante a instituição do grupo-pesquisador – é interessante realçar que não se trata de um pensar filosófico atomizado na figura do indivíduo, mas do sujeito coletivo da pesquisa –, a Sociopoética “percorre itinerários de invenção e adquire propriedades criadoras, pois ao filosofar, criando confetos, os membros do grupo-pesquisador traçam planos repletos de afetos advindos de conceitos desterritorializados [...]” (PETIT; ADAD, 2009, p. 12).

O diferencial da pesquisa sociopoética é a produção coletiva de conceitos; conceitos filosóficos produzidos a partir das vivências experimentadas pelo grupo-pesquisador. Na Sociopoética, chamamos estes conceitos de confetos (GAUTHIER, 2001) – um misto singular entre a racionalidade e a fruição artística, entre Apolo e Dionísio, entre conceitos e afetos. Eles são produzidos coletivamente pelo grupo-pesquisador. Os confetos são conceitos filosóficos no sentido deleuziano do termo:





A filosofia consiste sempre em inventar conceitos. [] A filosofia tem uma função que permanece perfeitamente atual, criar conceitos. Ninguém o pode fazer em seu lugar. Logicamente que a filosofia sempre teve seus rivais, desde os 'rivais' de Platão até o bufão de Zaratustra.

A filosofia não é comunicativa, nem contemplativa ou reflexiva: ela é, por natureza, criadora ou mesmo revolucionaria na medida em que não cessa de criar novos conceitos. A única condição é de que eles tenham uma necessidade, mas também uma estranheza, e eles as têm na medida em que correspondem a verdadeiros problemas. O conceito é o que impede o pensamento de ser uma simples opinião, um conselho, uma discussão, uma conversa. Todo conceito é forçosamente um paradoxo.

[...] o conceito, [], comporta duas outras dimensões, as do percepto e do afeto. []. Os perceptos não são percepções, são conjuntos de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que experimentam. Os afetos não são sentimentos, são estes devires que desbordam o que passa por eles. (DELEUZE *apud* ESCOBAR, 1991, p. 1-2).

3 Dos caminhos da Sociopoética

Para a Sociopoética tomar forma, ela carece iniciar-se a partir de alguns elementos metodológicos, os caminhos da pesquisa. Um dos primeiros é a negociação da pesquisa junto ao público-alvo, que é o momento em que se apresenta a proposta e se convida os sujeitos a participar da investigação. Outro elemento metodológico é a própria instituição do grupo-pesquisador, pois se trata de uma pesquisa coletiva: “[...] na Pesquisa Sociopoética os pesquisadores oficiais se transformam em facilitadores de oficinas e convidam o público-alvo a se tornarem copesquisadores de um tema gerador, a partir de uma negociação” (PETIT, 2002, p. 35).

@ facilitador@ pretende ajudar o grupo a desformar o mundo desfazendo-se das referências e teorizações prontas, dos pré-conceitos que impedem formular o novo (produzir linhas de fuga); evitar que fiquem apenas na repetição das naturalizações dadas pelo instituído. (PETIT; ADAD, 2008, p. 8).





Após a composição do grupo-pesquisador, inicia-se a produção dos dados através de oficinas. Chama-se produção e não coleta, porque se acredita que numa pesquisa os dados não se encontram prontos para serem coletados, mas são produzidos pelos copesquisadores. Na Sociopoética, o grupo-pesquisador é um filósofo coletivo, e, assim como Deleuze reporta-se ao filósofo como o criador de conceitos, o amigo dos conceitos, na Sociopoética o grupo-pesquisador é o criador dos confetos.

A construção de dispositivos de produção e análise dos dados da pesquisa é outro elemento metodológico caro à Sociopoética. Geralmente, os dispositivos de produção de dados na pesquisa sociopoética apresentam uma carga de estranhamento para os copesquisadores participantes das vivências propostas. Esses dispositivos são construídos de modo a levar os copesquisadores a experimentar os cinco sentidos na pesquisa. O objetivo dos dispositivos é fazer com que o grupo-pesquisador produza conhecimentos novos acerca do tema focado. Esse processo ocorre da seguinte forma: ao iniciar as oficinas, o facilitador conduz os copesquisadores a produzirem conceitos acerca de um tema gerador, que tanto pode ser escolhido por ele, quanto ter sido sugerido pelo grupo-pesquisador. Para concretizar tal propósito, em primeiro lugar, o facilitador da pesquisa pode realizar um relaxamento, visando baixar as energias de controle da consciência dos copesquisadores, ou pode propor a ativação dos corpos dos membros do grupo-pesquisador; em seguida, tendo escolhido uma técnica artística, ele a utiliza para fazer com que os copesquisadores construam associações livres entre suas produções artísticas e o tema pesquisado.

Depois de finalizadas as oficinas de produção dos dados da pesquisa, com o grupo-pesquisador, o pesquisador institucional (ou facilitador) distancia-se do grupo para efetivar suas análises acerca do material produzido pelo grupo-pesquisador. A Análise Filosófica é o momento da pesquisa sociopoética em que é necessário fazer dialogar os confetos criados pelo grupo-pesquisador, os referenciais teóricos





do facilitador e suas vivências com o tema pesquisado, de maneira a produzir uma construção filosófica original. Nessa etapa da pesquisa, o facilitador distancia-se do grupo-pesquisador e elabora sua produção, respeitando os significados atribuídos aos confetos pelo filósofo coletivo. Em seguida, ele retorna ao grupo para apresentar as suas análises e submetê-las à apreciação do próprio grupo-pesquisador – na Sociopoética, este momento é denominado de contra-análise.

Por fim, o grupo-pesquisador, junto com o facilitador da pesquisa, decidem como vão socializar a experiência vivida na investigação sociopoética para um público mais amplo – através de expressões artísticas - teatro, HQ, dança, fotografia etc -, e estruturas acadêmicas - artigo, tese, palestras etc.

4 Das Vivências da Pesquisa

Para a produção de dados, organizamos duas vivências coletivas com o grupo-pesquisador; em que foram propostas técnicas sociopoéticas potencialmente capazes de engendrar o estranhamento entre os membros do corpo coletivo da pesquisa. O estranhamento é importante na pesquisa sociopoética porque permite aos copesquisadores um desenraizamento de seus referenciais. Nesta pesquisa, consideramos importante realizar os encontros sociopoéticos sob a forma de Vivência na Natureza, pondo os copesquisadores em interação coletiva num cenário natural, potencialmente capaz de despertar suas capacidades criativas: sobre as raízes do mangue do rio Cocó e na trilha íngreme da serra da Pacatuba. No rio Cocó, nominamos a vivência sociopoética de “Macaco-Anarco”, e nela realizamos duas técnicas de produção de dados: a “Raízes Expostas” e a “Escultura na Areia”; a vivência da serra da Pacatuba foi codificada de “Corpo Nômade dos Orixás”, na qual utilizamos a produção de narrativas a partir dos arquétipos do Candomblé. Denominamos essa técnica de “Narrativas Míticas”.

5 Dos confetos produzidos

O confeto é um agenciamento coletivo de enunciação; ele é composto das “[...] múltiplas falas e discursos possíveis que





produzem a subjetividade - essa não é individual, e sim coletiva, conectando signos diversos.” (GAUTHIER, 2005.). O confeto é um agenciamento maquínico de corpos, nele transpassam-se corpos que se atraem e se repulsam, que se deixam capturar e que traçam linhas de fuga criativas...

Corpos atraem-se, repulsam-se, alteram-se, fazem alianças, combinam-se [], expandem-se, penetram-se, excluem-se. [] podem ser corpos ou partes ou grupos de corpos humanos, e seres naturais, ferramentas, máquinas, energias, que se compõem ou transformam segundo regras, em tempos e lugares instituídos. []. O importante é que existem nessa máquina física poços de captura, que atraem as energias em pontos instituídos, repetitivos, reprodutores dele, devoradores; e existem, inversamente, linhas de fugas desejanças, criadoras de jogos não previstos, que nem sempre vêm por vontade própria das pessoas, mas perpassam o conjunto de corpos e afetos. *Uma forma de desordem criadora, de caos na organização.* (GAUTHIER, 2004, p. 3. grifos meus).

A partir de Deleuze e Guattari, Jacques Gauthier propôs algumas dimensões que estão presentes nos confetos e que colaboram para a análise filosófica das pesquisas sociopoéticas: a Generativa, a Diagramática e a Maquínica, são as que se apresentaram nesta pesquisa (SOUZA, 2011).

Na análise dos agenciamentos coletivos de enunciação, percebemos como é comum emergir a dimensão Generativa dos confetos produzidos pelo corpo coletivo da pesquisa. Essa dimensão nos mostra que as expressões produzidas pelos dispositivos sociopoéticos possuem um regime de signos variados (GAUTHIER, 2004); ela é caracterizada principalmente pela emergência de uma polissemia dos termos. Expressões que eclodem das técnicas e que possuem significados distintos dentro do mesmo grupo-pesquisador. Na vivência Macaco-Anarco, quando se solicitou a produção de metáforas sobre a autogestão, as técnicas “Raízes Expostas” e “Escultura na Areia” geraram, entre outros termos, a expressão Raízes; entretanto, essa mesma expressão possuía





significados distintos e singulares para diferentes membros do grupo-pesquisador. Para um membro, a palavra raízes significava “a força e a generosidade da natureza”, enquanto que, para outro copesquisador sociopoeta, as raízes seriam “caminhos diferentes que colaboram na construção de um bem-comum”; para outro, as raízes “lembram que a humanidade veio da natureza”; e, ainda, para um outro sociopoeta, o fato de as raízes “fixarem a gente, não significa que a gente não possa ser livre, não possa ser flexível”. Assim, surgiram vários confetos raízes sobre a autogestão:

[...] inspirado nas raízes aéreas do mangue, a **Autogestão Raízes**, cuja fixidez não impede a sua flexibilidade – conhecer as origens da autogestão libertária, seus propósitos iniciais, não inviabiliza a construção de novos ordenamentos autogestionários; transitar flexivo sobre outras formas de viver a autogestão. A fixidez das raízes, como metáfora da autogestão, não impede a liberdade das pessoas e dos grupos libertários produzirem novos rizomas, novas conexões. Interessante pensar a autogestão como rizoma [] movendo-se radicalmente. (SOUZA, 2011, p. 141).

E o confeto **Autogestão Raízes da Desintoxicação Civilizatória**, que emergiu na pesquisa/tese de Souza:

O grupo sociopoético imaginou uma outra autogestão, mais colada aos instintos dos sujeitos, que purgue nosso corpo da intoxicação promovida pela civilização com seus excessos de consumo, de clausura e do apagamento do animal no ser humano [...] essa civilização que produz um cotidiano controlado e formatado, distanciado dos instintos que dão sustentação às nossas vidas. Uma **Autogestão Raízes da Desintoxicação Civilizatória** pode colaborar na construção de uma vivência libertária que faça cessar os fluxos maquínicos do capital, produzindo um devir-animal... que cheira, que corre, que constrói sua própria morada, que caça seu próprio alimento [...] (SOUZA, 2011, p. 148-9, grifo meu).





A dimensão Diagramática eclode quando o grupo-pesquisador ou os copesquisadores produzem expressões com sentidos inexistentes no cotidiano, signos que surgem de formas pré-existentes, mas que trazem “partículas desterritorializadas” (GAUTHEIR, 2005, p. 4), gerando outras significações. Em nossa pesquisa (SOUZA, 2011), as expressões “negro” e “fuga”, por exemplo, representam características diagramáticas. A fuga, não como desaparecimento ou retirada, mas criação – que gerou o confeto **Autogestão Fuga**: nas vivências autogestionárias aflora a potência de fuga das culturas repressivas, linhas de fuga de todo fascismo. A palavra negro, que em nossa sociedade possui uma dimensão cristã e colonizada - com toda uma carga de negatividade: o mal, a dor, o luto, a ausência de luz, e outros estigmas... -, nesta pesquisa ganha uma significação variada – o negro como um filtro catalizador capaz de reverter a degradação ambiental promovida pela civilização humana:

[...] o grupo fez aparecer uma autogestão assentada na restauração das forças da natureza, que revigora a sociedade, e filtra as degradações produzidas pela sociedade de consumo – é preciso fazer circular uma prática autogestionária capaz de reverter os processos de degradação e romper com o ritmo convergente de destruição do natural. Para isso, foi criada, na lama do mangue do rio Cocó, a **Autogestão Negro**. (SOUZA, 2011, p. 139-140, grifo meu).

A dimensão Maquínica implica num desfazer-se de teorizações preconcebidas, construir linhas de fuga, reafirmar a heterogeneidade do grupo-pesquisador, as singularizações do filósofo coletivo da pesquisa sociopoética e a potência maquinica de cada copesquisador. A dimensão Maquínica aponta um interesse da pesquisa Sociopoética em:

[...] desconstruções do óbvio e em trazer à tona algo que nos permita sair de nossos quadros filosóficos e eventualmente, também, evadir-nos da prisão de nossa cultura nativa.” (PETIT; ADAD, 2009, p. 12).





Esse componente maquínico emerge quando a produção dos conceitos na pesquisa sociopoética gera uma...:

[...] transformação micropolítica do desejo com efeitos de mudança nos membros do grupo pesquisador (inclusive o/a facilitador/a), mudanças essas que afetam as práticas sociais nos contextos de inserção de cada um@. (PETIT; ADAD, 2009, p. 12)

A técnica Narrativas Míticas, realizada na serra da Pacatuba, propunha uma reelaboração das narrativas ancestrais, a partir dos arquétipos dos orixás do Candomblé, Oxum, Oxalá, Xangô, Oranian, Oxossi, Iemanjá, Oxumaré, mesclando a isso a história pessoal dos desafios da subida da serra e, por fim, relacionando tais elementos com a autogestão. Essa técnica favoreceu a emergência do componente maquínico. Assim, na pesquisa de Souza (2011), o filósofo coletivo fez surgir uma pluralidade de confetos, inesperados e surpreendentes, de uma riqueza semântica única: **Autogestão Caçador de Subjetividades, Autogestão Caosordem, Autogestão Sair Sem Rumor**, entre outros.

Aos anarquismos interessam uma autogestão que rompa com processos de modelização da subjetividade capitalística, impostos pelas estruturas disciplinadoras e de controle; uma experiência autogestora que produza subjetividades libertárias – que reafirme o ‘sujeito anárquico’. É a trilha por onde anda a **Autogestão Caçador de Subjetividades**. Constituir o “sujeito anárquico”! O desafio libertário dessa autogestão é produzir novas formas de resistência contra os fascismos: máquinas desejanças inconformadas! Mas, é importante compreender que essas subjetividades transcendem o eu-individual, como unidade fundante, e propõem a morte desse eu-atomizado e a maquinação das múltiplas singularidades do ser... mil devires, em mil platôs! Vivenciar um ‘outro-absolutamente-diferente’!

O confeto **Autogestão Caosordem** propunha uma autogestão que deseja o caos, um caos destruidor da ordem social capitalística, e instaurador de novos ordenamentos sociais não centralizadores. Desde que as lutas anarquistas tornaram-se referência global de





luta radical por liberdade, a palavra anarquia é associada a caos e a desordem; para muitos anarquistas, essas associações não corresponderiam ao real, pois o anarquismo deseja construir uma nova ordem na sociedade. Contudo, a noção de caos não fere o anarquismo, pelo contrário, acende sua potência transformadora virulenta, pois seu propósito último é a destruição da ordem política e econômica liberal, e, não se pode fazer isso, sem gerar uma desordem imensa na estrutura social dominante. Entretanto, a **Autogestão Caosordem** não deseja somente construir uma nova ordem social, senão que novos ordenamentos – não deseja uma nova unidade, um novo universo -, mas, a pluralidade; não uma sociedade anarquista, mas inúmeras formas de organizações societais anárquicas...

O grupo-pesquisador criou a **Autogestão Sair Sem Rumo**, cartografando territórios desconhecidos, desafiando-se continuamente, sem direcionamentos pré-determinados, e aberta a outras possibilidades.

Seja na lama do mangue ou na mata da serra, novos devires-autogestionários brotaram no corpo coletivo do grupo-pesquisador sociopoético. Para este corpo-pesquisador, a vivência autogestionária fez aflorar a potência de fuga das culturas repressivas e de todo fascismo, micro ou macro; esse filósofo coletivo deseja se fazer atravessar por fluxos e contrafluxos incessantes, linhas de fuga.

6 Da potência maquínica da Sociopoética

A pesquisa sociopoética permitiu, ao longo das vivências propostas, ampliar as possibilidades conceituais da autogestão, para além de uma matriz cristalizada do conceito; dessa forma, o grupo sociopoético construiu confetos criativos pela força da própria produção coletivizada – que Jacques Gauthier chama de “intuição repentina”, que ocorrem na proximidade física mobilizada pelo pensar-juntos (GAUTHIER, 2005). A Sociopoética está interessada em desterritorializar.

Os confetos produzidos pelo grupo-pesquisador, esse filósofo coletivo, apontam uma polissemia de sentidos, fugindo em direções e planos distintos. Os ambientes naturais em que ocorreram as





vivências – o mangue e a serra – potencializaram a produção dos confetos, fazendo surgir essa polissemia. Foi o caso do confeto Autogestão Raízes, que adquiriu significados diferentes, a partir da mesma técnica empregada na produção de dados.

[...] fica claro que o tema gerador produz uma afinção de sentidos e não definições, pois não existe uma única verdade, e sim significados heterogêneos para uma palavra ou expressão dada. É uma particularidade da pesquisa Sociopoética, raramente repetir um único significado para um tema dado. (PETIT, ADAD, 2009, p. 10).

A polissemia de conceitos sobre autogestão, produzidos pelo grupo-pesquisador, aponta que o corpo-coletivo da pesquisa sociopoética a percebe não como um modelo idealizado nas experiências libertárias do passado, ao contrário, essa polissemia amplia as possibilidades conceituais da autogestão, para além de uma matriz cristalizada do conceito; os confetos e os devires produzidos pelo corpo-coletivo refletem um desejo de experimentação de conceitos singulares sobre práticas autogestionárias contemporâneas.

Em certos momentos, os dispositivos propostos pela Sociopoética nesta pesquisa suscitaram, no grupo pesquisador, o aparecimento de questões associadas ao tema da autogestão, e que se apresentaram sob a forma dos confetos. A questão dos conflitos atuais entre a tradição anarquista e as novas práticas libertárias contemporâneas. De um lado, uma necessidade de conservar os princípios e uma certa 'essência' anarquista [**autogestão nudez castigada**]; do outro o desejo por construir novas relações políticas de luta anticapitalista [**autogestão sair sem rumo e autogestão raízes**]. A Nudez Castigada é uma autogestão arraigada às suas próprias tradições e que não se permite desterritorializar-se... refazer-se como nova, desnudar-se e rejuvenescer. Apegada a princípios rígidos do passado, essa autogestão é uma força reativa e castradora, e se atribui o papel de 'correção ortopédica', como diria Foucault, em defesa das tradições históricas do anarquismo. Em contraposição a isso, o grupo-pesquisador criou a Sair Sem Rumo, um contrafluxo desterritorializado incessante.





A pesquisa fez emergir também a questão do poder e da liderança como tema oculto dentro do anarquismo. Um tabu, um tema proibido. Um paradoxo! A experiência autogestionária pode fazer emergir a figura do líder, do condutor. O grupo-pesquisador imaginou o confeto Autogestão Alto do Céu, como um fantasma rondando as experiências libertárias – lá no alto, o indivíduo visa seu empoderamento dentro do grupo autogestor. Não rompe os laços heterogestores, e, por isso, vê emergir situações fascistas.

O que a Sociopoética trouxe para a pesquisa? A produção coletiva de confetos potencialmente capazes de gerar processos maquínicos, instituindo novas formas de situar-se na vida e construir novas práticas de sociabilidade, proporcionadas pelas vivências autogestionárias. Os dados produzidos pelo grupo-pesquisador nas vivências do mangue do rio Cocó e na Serra da Pacatuba, em que foram usadas técnicas que mexeram com o corpo e com a experiência sensorial de estar na natureza, potencializaram a criação coletiva de confetos diferenciados, de questionamentos talvez mais diretos a esse tipo de sociedade e de comportamento conformado. A pesquisa sociopoética, com suas técnicas desenraizantes, fez surgir conceitos singularizadores sobre a autogestão libertária.

Reiterando o que a *poiésis* filosófica de Deleuze nos ensina: “Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados [...]” (DELEUZE, 1992, p. 13)

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: 34, 1992.

ESCOBAR, Carlos Henrique. **Dossier Deleuze**. Rio de Janeiro: Hólon, 1991.

GAUTHIER, Jacques. Trilhando a vertente filosófica da montanha:





Sociopoética - a criação coletiva de confetos. In: GAUTHIER, Jacques; PETIT, Sandra Haydée. (Org.). **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais** - abordagem sociopoética. São Paulo: Atheneu, 2005. p. 257-286

_____. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. **Revista Brasileira de Educação**, 25, Rio de Janeiro, jan./abr., 2004.

_____. A sociopoética: caminho pela desconstrução da hegemonia instituída na pesquisa. In: GAUTHIER, Jacques; FLEURI, Reinaldo Matias; GRANDO, Beleni Saléte. (Orgs.). **Uma pesquisa sociopoética: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação**. Florianópolis: UFSC/NUP/CED, 2001. p. 15-38.

_____. **Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: Ana Nery, 1999.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsões políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PETIT, Sandra Haydée; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Idéias sobre confetos e o diferencial da Sociopoética. **Entrelugares** – Revista de Sociopoética e abordagens afins, v. 1. n. 2, mar./ago. 2009.

PETIT, Sandra H. Sociopoética: potencializando a dimensão *poiética* da pesquisa. In: MATOS, Kelma S. Lopes de, VASCONCELOS, José Gerardo (Orgs.). **Registros de pesquisas na educação**. Fortaleza: UFC, 2002. Diálogos Intempestivos, n. 6.

SOUZA, Sandro Soares de. **Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão**. Tese (Doutorado). Fortaleza: UFC, 2011. 222 pp.

